

Ex-ministro francês condena os credores

"Não se pode pedir aos países em desenvolvimento que sacrifiquem seu crescimento interno para saldar uma dívida contraída em circunstâncias difíceis, quando as taxas de juros e câmbio da época eram diferentes. Também não se pode exigir desses países que aceitem eternamente uma redução do nível de vida de sua população".

Esta avaliação do problema da dívida externa do Brasil foi feita ontem pelo ex-primeiro-ministro e ex-ministro da Economia e Finanças da França, professor e ex-deputado Raymond Barre. Lembrando que a dívida dos países sub-desenvolvidos, mais que um problema financeiro é também econômico, social e político, não devendo, por isso, ser deixado apenas por conta dos banqueiros, Barre defendeu um posicionamento de vigilância por parte dos governos, acrescido da prática de uma cooperação entre credores e devedores. Ressaltou, porém, que "da mesma forma que estou convencido que os países industrializados devem adotar uma estratégia, a longo prazo, quanto ao pagamento da dívida, esta estratégia deve se fazer acompanhar de um esforço vigoroso dos países endividados em melhorar a gestão econômica de seus países. Todo o esforço será em vão — salientou — se os países em desenvolvimento não conduzirem políticas saudáveis de crédito, finanças, orçamento ou ainda se mantiverem um setor público extenso dentro de estado de penúria econômica".

Raymond Barre, candidato às eleições presidenciais da França em março de 1988, considera ainda que os países endividados devem desenvolver uma política de poupança e reduzir o nível de proteção que mantêm quanto à produção. "Ou seja a assistência será tanto mais eficaz quanto os países em desenvolvimento ajudarem a si próprios", afirmou.

Protecionismo

Discordou ainda de uma pergunta segundo a qual haveria muito protecionismo por parte dos países da Comunidade Econômica Europeia, enumerando um rosário de dados sobre a balança comercial Brasil/CEE, francamente desfavorável à Comunidade, segundo fez questão de atestar. E complementou: "É crescente o déficit da CEE, que já em 1985 foi da ordem de 7 bilhões de escudos. Além disso, o Brasil se



Raymond Barre alerta para as pressões dos credores

beneficia de um sistema comunitário de preferências generalizadas e recebeu um financiamento de 600 milhões de escudos para exploração das jazidas de ferro de Carajás". Ademais, segundo Barre, se há dificuldades com as exportações de carne e açúcar, ninguém pode negar que a CEE é um grande importador de suco de laranja, soja e café brasileiros.

Numa avaliação do Plano Cruzado adotado no Brasil, Raymond Barre concordou que quando um país encontra-se próximo a estágio de hiperinflação, é compreensível que recorra a um tipo de choque econômico com bloqueio de salários e preços, ressaltando contudo que medidas deste tipo não podem ser mantidas eternamente sob risco de distorções graves na economia e influências negativas na produção do país. Para ele, durante esse período de congelamento, torna-se indispensável que o governo coloque em ordem as finanças públicas, não só na parte de orçamento, mas também no que se refere à situação financeira das empresas públicas. Na sua fórmula, Barre acrescenta também o desenvolvimento de uma poupança estável, a longo prazo, e a descentralização ao aumento do poder aquisitivo do consumo interno. Esta, a seu

ver, é a única maneira de se evitar a perda de exportações.

Lições

Neste contexto, ele desejou que as lições tiradas do Plano Cruzado sejam úteis ao futuro da economia brasileira, no sentido de conciliar o crescimento econômico, indispensável ao Brasil, com uma maior estabilidade de preços, garantindo superávit na balança de pagamentos correntes e assegurando o serviço da dívida externa. Barre solidarizou-se com o governo francês quando manifestou compreensão à situação brasileira de moratória. Acha que a decisão brasileira é provisória e manifestou esperança que a negociação com os credores seja razoável e compatível com a taxa de crescimento do Brasil.

O candidato à presidência da França repetiu o que já dissera na Argentina, há poucos dias, sobre modelos econômicos da Ásia do Sudeste (Coreia do Sul, Singapura, etc), que devem ser seguidos pelos países em desenvolvimento, e citou os componentes seguidos pelos países em desenvolvimento, e citou os componentes que julga essenciais para o sucesso daquelas economias: trabalho intenso, grande espírito de empreendimento e, taxa elevada de poupança.